

Brasil volta a ter maioria da população nas classes média e alta

EFEITO DO EMPREGO

# CLASSE MÉDIA EM ALTA

## Com ganho de renda e ascensão social, lares A, B e C voltam a ser maioria no país

MAIS MOBILIDADE

Distribuição por classe de renda (em %)



Fonte: Estudo Classes de Renda e Consumo no Brasil: 2024-2034, da Tendências Consultoria

Aumento de renda por classe (em %)



EDITORA DE ARTE

CÁSSIA ALMEIDA  
E HENRIQUE BARBI

O Brasil voltou a ser um país de classe média. O ano de 2024 marcou uma mudança na distribuição das famílias por estrato social, mostra levantamento da Tendências Consultoria obtido em primeira mão pelo GLOBO. O estudo constatou que 50,1% dos domicílios estão nas classes C para cima, o que significa uma renda mensal domiciliar acima de R\$ 3,4 mil. É a primeira vez que isso acontece desde 2015, quando 51% estavam ao menos na classe média. Em 2023, os domicílios das classes C, B e A representavam 49,6%.

A melhora no emprego é o principal fator responsável pela ascensão social dos brasileiros, diz a consultoria.

— Desde 2023 houve migração importante das famílias da classe D/E para a classe C, decorrente da melhora significativa do mercado de trabalho no pós-pandemia — explica a economista Camila Saito, da Tendências.

As classes C e B são típicas de famílias com renda média. Nessas famílias, a principal fonte de renda vem do trabalho, e a massa salarial (total dos ganhos de todos os trabalhadores) aumentou nos últimos anos, diz Camila, com a retomada da economia após a pandemia e a valorização real do salário mínimo em 2023 e 2024, após anos sem reajustes acima da inflação.

— Isso acarretou melhor desempenho dessas classes em relação às demais.

IMPULSO DO EMPREGO

Pelas estimativas do estudo, a massa de renda total no ano passado, incluindo salários, benefícios sociais, aposentadorias e pensões, e outras rendas como juros de investimentos, subiu em média 7% no país. Mas na classe C o avanço foi bem maior, de 9,5%. No estrato

social estão as famílias com rendimento domiciliar entre R\$ 3,5 mil e R\$ 8,1 mil. Na classe B, que reúne os domicílios com rendimentos entre R\$ 8,1 mil e R\$ 25 mil, o avanço nos ganhos foi de 8,7%, o segundo melhor desempenho.

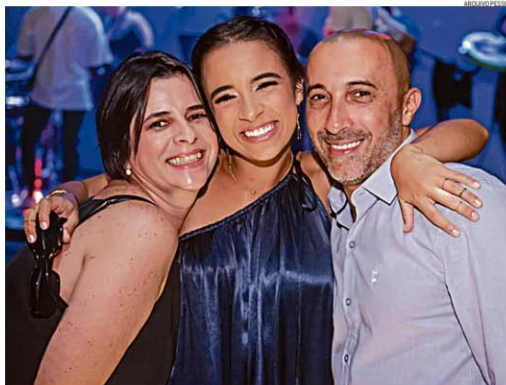
Neste ano de 2025, a classe C deve, de novo, ter um desempenho melhor do que a média nacional. A Tendências prevê expansão de 6,4% na renda do grupo, contra 3,8% para o conjunto dos brasileiros. Mas, em qualquer recorte, será um desempenho aquém de 2024, que resultará em uma mobilidade social mais lenta, prevê Camila.

— Nossas estimativas consideram uma tendência de lenta mobilidade social das famílias para classes de renda superiores. A mobilidade social das classes D e E deve ser reduzida nos próximos anos, acompanhando um fenômeno típico de países com alta desigualdade.

Segundo a economista, o ingresso no mercado de trabalho é o principal meio de redução da pobreza, mas não é condição suficiente para superá-la, diante das “baixas remunerações, elevadas desigualdades entre grupos de população ocupada, altas taxas de informalidade e marcante heterogeneidade entre os setores produtivos.”

Filha única de um empresário dono de uma academia de ginástica e de uma professora, a dentista Bruna Taboada, de 23 anos, viu a renda de sua família aumentar meses depois de se formar na faculdade. Natural de Petrópolis, na Região Serrana do Rio, ela começou a atender em uma clínica e, com uma clientela mais robusta, passou a arcar com seus próprios gastos. Da gasolina do carro aos materiais odontológicos e uma especialização em São Paulo, tudo sai de seu salário, que gira em torno de R\$ 3.500.

— A renda do meu pai sem-



Folga no orçamento. Bruna Taboada, entre os pais Luciana e Átila, na formatura do curso de Odontologia: renda aumentou

**“Houve migração importante das famílias da classe D/E para a classe C, com a melhora do mercado de trabalho”**

Camila Saito, Economista da Tendências

pre foi incerta, porque a academia depende muito das temporadas. Já a minha mãe tinha uma certa segurança por ser concursada, mas ganhando bem menos. Hoje, eles saem mais para restaurantes, passaram a viajar. São luxos aos quais eles não davam antes — diz Bruna.

Ela conta ainda que sua formatura, há pouco mais de um ano, coincidiu com as últimas parcelas do financiamento do imóvel em que vive, o que aumentou a renda familiar, que está acima de R\$ 20 mil e, assim, se consolidou na faixa B. Esse estrato social da classe média, segundo o estudo da Tendências, teve o segundo maior ganho de renda em 2024.

No ano passado, a taxa de desemprego chegou ao menor nível histórico, de 6,1% no trimestre terminado em novembro, e o nível de ocupação (total de pessoas com trabalho em relação à população total) também chegou ao seu melhor momento: 58,8%. Em 2019, a taxa era de 56,8%.

DESIGUALDADE EM QUEDA

Segundo o economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, o Brasil teve resultados sociais “bastante alvissareiros”, comparáveis aos de 2014 (o melhor ano até então para o mercado de trabalho), mas ainda melhores. O economista avalia que os três componentes que favorecem a ascensão social estavam presentes em 2024:

— Nos nossos estudos do PIB, há pouco mais de um ano, coincidiu com as últimas parcelas do financiamento do imóvel em que vive, o que aumentou a renda familiar, que está acima de R\$ 20 mil e, assim, se consolidou na faixa B. Esse estrato social da classe média, segundo o estudo da Tendências, teve o segundo maior ganho de renda em 2024.

perdeu para o boom do Real (em 1994) em um único ano.

Já o terceiro componente, explica Neri, só apareceu em 2024, que foi a queda da desigualdade. Apesar de os indicadores de disparidade de renda estarem no menor patamar histórico, eles ficaram praticamente estagnados em 2023. Em 2024, foi diferente, afirma Neri:

— No ano passado, entrou um elemento novo, ausente da cena nos últimos anos, que foi a queda na desigualdade. Até o terceiro trimestre, a renda média domiciliar per capita em 12 meses cresceu 6,98%, mas entre os 50% mais pobres, a alta foi 10,2%.

— Apesar do aumento da escolaridade, o ganho estrutural de renda que é dado pelo acúmulo de capital humano não aconteceu no Brasil. Isso limita a mobilidade social. Em um ciclo de expansão, a pessoa consegue emprego, aumenta a renda, mas basta não ter ritmo de crescimento acelerado para perder o emprego.

A alta da taxa básica de juros, a Selic, atualmente em 12,25% ao ano — e que pode

chegar a 14,75% no fim de 2025, se as previsões dos analistas se confirmarem —, deve favorecer a classe A, diz Camila, da Tendências. Este estrato social tem os ganhos mais concentrados em aplicações financeiras e aluguéis.

— Com a trajetória de aumento da Selic, a estimativa para a massa “outros” é de uma alta de 7,8%. Assim, o aumento dos juros deve favorecer a classe A e, em menor medida, a classe B também. Além disso, os níveis elevados da inflação prejudicam mais as famílias mais pobres — afirma Camila.

EDUCAÇÃO CONTA

Neri acredita que, como a alta recente do dólar está mais ligada a expectativas, essa instabilidade pode se dissipar com um apoio mais forte do próprio governo ao ajuste fiscal proposto pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

— Mas essa avaliação não é compartilhada pelo presidente do Instituto de Mobilidade e Desenvolvimento Social, Paulo Tafner, que vê riscos para a melhoria social este ano.

— Estamos pisando forte no gasto fiscal. Com empuxo fiscal, a economia reage. Acaba tendo uma forte pressão de demanda sem contrapartida da oferta, inflação alta ou recessão.

Tafner chama atenção para o problema da baixa qualidade da educação, que impede o aumento da produtividade e uma melhoria mais sustentável das condições das famílias mais pobres:

— Apesar do aumento da escolaridade, o ganho estrutural de renda que é dado pelo acúmulo de capital humano não aconteceu no Brasil. Isso limita a mobilidade social. Em um ciclo de expansão, a pessoa consegue emprego, aumenta a renda, mas basta não ter ritmo de crescimento acelerado para perder o emprego.

\*Estagiário, sob a supervisão de Cássia Almeida

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Economia **Página:** 17